



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**LUCINEIDE PASSOS DE SOUZA**

**PRÁTICAS MONOLÓGICAS E DIALÓGICAS NA CRECHE:  
É A CONVERSA QUE DEVE RODAR**

Salvador  
2016

**LUCINEIDE PASSOS DE SOUZA**

**PRÁTICAS MONOLÓGICAS E DIALÓGICAS NA CRECHE:  
É A CONVERSA QUE DEVE RODAR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Infantil, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Especialista em Docência em Educação Infantil.

Orientadora: Profa. Dra. Risonete Lima de Almeida

Salvador  
2016

## **AGRADECIMENTOS**

Foram tantas emoções...

À Deus, pela saúde e força que me sustentou até os dias de hoje.

Aos meus familiares, pela paciência e compreensão nos momentos de angústia.

Às queridas colegas do curso, pela amizade e companheirismo.

Aos amigos que contribuíram indiretamente com palavras e ações nesta nova etapa da minha formação.

À minha orientadora, professora Risonete Lima de Almeida, pelo carinho, paciência e toda dedicação durante o desenvolvimento do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil.

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História.

Paulo Freire (1997, p. 84)

SOUZA, Lucineide Passos de. **Práticas monológicas e dialógicas na creche: é a conversa que deve rodar.** 51f. 2016. Monografia (especialização) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

## RESUMO

Práticas monológicas e dialógicas na creche: é a conversa que deve rodar tratou da investigação realizada em uma Creche do município de Candeias que se propôs a compreender as práticas de linguagem nas rodas de conversa do grupo 3. A discussão teórica é direcionada para as práticas de linguagem (monológicas e dialógicas), para a teoria da Dialogia e atividade do diálogo e atividade dinâmica entre EU e Outro (BAKHTIN, 2011) e a dialogicidade, os sujeitos dialógicos e o saber escutar (FREIRE, 2008). A pesquisa teve como objeto de pesquisa as práticas de linguagem desenvolvidas nas rodas de conversa e foram analisados os diálogos que ocorreram durante as observações no Grupo 3. Ainda exibem as orientações dos documentos oficiais publicados pelo Ministério da Educação como o Referencial Curricular Nacional para Educação (RCNEI), no que trata da linguagem oral das crianças de 3 anos, como também as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), nos artigos sobre as experiências que possibilitam o desenvolvimento de práticas de linguagem na Educação Infantil. A metodologia foi norteada pelo método Etnopesquisa Crítica (MACEDO, 2004, 2010) para a investigação realizada neste estudo monográfico com uma abordagem qualitativa através de uma observação periférica; O campo de pesquisa foi uma Creche da Rede Municipal do município de Candeias, situada no bairro do Malembá. Os sujeitos foram as treze crianças que compõem o grupo 3 da creche, a professora da turma e sua auxiliar de classe. Os achados revelam que nas rodas de conversa, momento que deveriam aparecer novidades do dia-a-dia, do dia anterior ou do fim de semana, a conversa com o papai/mamãe/outro familiar, destacaram-se exposições orais em que as crianças estariam expressando sua linguagem oral. Observei enunciações de atividades que não evoluíram para um discurso em que o outro tivesse oportunidade de expor sua opinião, as vozes foram inibidas tornando-as sem efeito para desenvolver um diálogo.

**Palavras-chave:** Roda de Conversa. Expressão Oral. Práticas de Linguagem. Crianças.

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>PARA COMEÇO DE CONVERSA...</b>	<b>6</b>
<b>2.</b>	<b>DIÁLOGOS TEÓRICOS PARA COMPREENSÃO DAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM</b>	<b>13</b>
<b>3.</b>	<b>CAMINHOS DIALÓGICOS PARA CONHECER AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM</b>	<b>17</b>
3.1	TIPO DE PESQUISA	17
3.2	CAMPO DA PESQUISA	18
3.3	SUJEITOS DA PESQUISA	19
3.4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
<b>3.4.1</b>	<b>Orientações Monográficas</b>	<b>20</b>
<b>3.4.2</b>	<b>Reuniões com a comunidade escolar</b>	<b>21</b>
<b>3.4.3</b>	<b>Conhecendo as crianças</b>	<b>21</b>
<b>3.4.4</b>	<b>Observações periféricas</b>	<b>22</b>
<b>4.</b>	<b>PRÁTICAS DE LINGUAGEM NA RODA DE CONVERSA NO GRUPO 3</b>	<b>24</b>
4.1	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA CRECHE E A EXPRESSÃO DA LINGUAGEM ORAL	25
<b>4.1.1</b>	<b>A canoa virou</b>	<b>25</b>
<b>4.1.2</b>	<b>Dia de alegria</b>	<b>26</b>
<b>4.1.3</b>	<b>Pintando o sol</b>	<b>28</b>
<b>4.1.4</b>	<b>O Patinho Feio</b>	<b>29</b>
4.2	ATITUDES MONOLÓGICAS OU DIALÓGICAS NAS RODAS DE CONVERSA?	32
<b>4.2.1</b>	<b>Dialogia</b>	<b>32</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Relação falante-ouvinte</b>	<b>35</b>
<b>5.</b>	<b>E PARA CONCLUIR, É A CONVERSA QUE DEVE RODAR</b>	<b>38</b>
<b>6.</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>42</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>44</b>

## **1 PARA COMEÇO DE CONVERSA...**

A atuação como Coordenadora Geral da Educação Infantil do município de Candeias permitiu ampliar e atualizar minhas experiências como professora o que também, possibilitou dialogar com as aprendizagens socializadas no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (CEDEI/MEC/UFBA). Entre outras funções, o coordenador geral realiza visitas periódicas às escolas com o objetivo de acompanhar as práticas pedagógicas que são ali desenvolvidas.

Neste enfoque, constituem-se atribuições de coordenadora da Educação Infantil do município de Candeias: planejar e executar formações continuada e em serviço para os coordenadores, professores e auxiliares de classe; organizar ações como projetos, planejamentos, entre outros eventos, com a finalidade de subsidiar o fazer pedagógico; acompanhar e avaliar as atividades planejadas e desenvolvidas nas Unidades Escolares.

Nesse contexto, insiro-me como protagonista das ações de Educação Infantil na Secretaria da Educação de Candeias, com a responsabilidade de apresentar e organizar as ações pedagógicas nas creches e pré-escola. Além de todo planejamento, as visitas técnicas complementam as orientações e a avaliação das ações sugeridas, a partir de relatórios de visitas e os semestrais que registram as ações desenvolvidas pela coordenação. Além disso, é também atribuição orientar quanto à rotina das atividades, à organização dos espaços no que diz respeito às informações colocadas nas paredes, isto é, o que expor e a altura adequada.

Com a organização das rotinas, as brincadeiras são utilizadas com bastante frequência nas Escolas de Educação Infantil do município, pois entendemos que é um dos princípios norteadores de aprendizagem dessa modalidade. Estas atividades, além de proporcionar momentos de alegrias, desenvolvem as percepções cognitivas e as relações sociais. Observamos que as crianças interagem com as atividades de movimento, cantam e dançam em atividades tanto na classe quanto em grupos maiores. Porém, observa-se pouco incentivo à criatividade de inventar falas ou reproduzi-las, ausência de práticas de linguagem verbal, no sentido mesmo de expressão oral, quando a criança se expressa sem uma relação direta ao atendimento de um comando do (a) professor (a).

Através da observação da prática pedagógica, no Grupo 3 da creche, pode-se perceber que as crianças participam oralmente nas atividades propostas, a exemplo da Roda de Conversa. Apesar de ser uma atividade diária, com o objetivo de promover diálogos, esta ação ainda ocorre como uma prática monológica, sem participação efetiva das crianças. Observa-se uma necessidade do professor desenvolver práticas dialógicas para que as crianças possam expressar suas opiniões e sentimentos.

Ao observar outras atividades nesta classe, tais como, o momento de chegada, o banho, as refeições e a hora de saída pode-se perceber que apresentam uma rotina fixa que engloba as áreas de conhecimento da Educação Infantil. Porém, as atividades como contação de histórias, conversas informais e outras que surgem no cotidiano da sala de aula nas creches deveriam ter na oralidade o maior subsídio para o desenvolvimento da linguagem.

Diante desse contexto, a partir das práticas observadas, destaco a roda de conversa como espaço-tempo da rotina que merece atenção por ser propício às práticas de linguagem, podendo ou não favorecer práticas monológicas ou dialógicas. O título da pesquisa realizada “Práticas monológicas e dialógicas na creche: É a conversa que deve rodar”, revela a compreensão de que a roda de conversa deve ser percebida como uma prática social educativa que estabelece a interação permitindo, portanto, a expressão de sentimentos, ideias e valores por meio da linguagem oral.

E nesse ritmo, como se fosse uma brincadeira de roda, as memórias de minha prática profissional da Educação Infantil, entram em diálogo com toda simbologia contida nas expressões de linguagens, de movimento, de artes, de histórias lidas e contadas, de brincadeiras no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (CEDEI). Esta metáfora da brincadeira de roda me envolveu em processos educativos que possibilitaram uma viagem ao mundo de aprendizagens.

Sobre essas aprendizagens produzidas no CEDEI, destaco algumas que contribuíram para a compreensão do objeto de estudo, as práticas monológicas e dialógicas na roda de conversa. Para começar com a alegria das expressões de linguagens, a Festa da Palavra dita e escrita, nos mostrou o poder das interações e das emoções através da expressão oral produzida para homenagear Dona Palavra através de música e poesia.

Ainda, nesse envolvimento com as linguagens, a Oficina de Linguagem, Oralidade e Cultura Escrita que permitiu minha participação nas rodas de conversas sobre linguagem dos bebês, rotinas diárias, entre outras atividades que desenvolvem a expressão oral. Essas aprendizagens fortaleceram o interesse de investigar como ocorre o desenvolvimento das linguagens na roda de conversa na creche, a respeito disso Morgado (2013, p.27) comenta que “a linguagem é adaptada para diferentes situações, durante as conversas, deve haver um revezamento de falas por parte de cada falante e de cada ouvinte”, nesse sentido, entendi como as práticas de linguagem desenvolvidas nas rodas de conversa podem contribuir para a expressão oral das crianças do grupo 3.

Compreender as linguagens expressas pelas crianças estabeleceu convergência com as concepções de criança e infância estudadas no componente curricular “Infâncias e Crianças na cultura contemporânea”. Segundo o filósofo Charlot (2013) a ideia de infância se introduz na pedagogia com os significados que lhe atribuem um pensamento que visa a uma educação relacionada à natureza humana e à cultura, enquanto Corsaro (2011) acrescenta numa perspectiva sociológica que o período da infância consiste em um conjunto de estágios de desenvolvimento em que habilidades cognitivas, emoções e conhecimentos são adquiridos na preparação para a vida adulta. Tais concepções motivaram para compreensão sobre como as crianças são vistas e ouvidas e como participam nas rodas de conversa, tomando como referência as ações realizadas nessa atividade diária e o desenvolvimento da linguagem oral no grupo 3. É preciso ainda ressaltar as aprendizagens construídas no componente “Currículo, proposta pedagógica, planejamento, organização e gestão do espaço, do tempo e das rotinas em creches e pré-escolar” que tratou de questões como currículo na Educação Infantil no que diz respeito à valorização das experiências das crianças, já que são atores do seu próprio conhecimento e produtores de cultura, através dessas aprendizagens compreendi que o currículo da Educação Infantil deve ser pautado também nas vozes das crianças, sobre o que se interessam e o que querem saber, a roda de conversa pode ser o espaço dessas discussões.

As práticas observadas em meu contexto profissional e as aprendizagens construídas no CEDEI fortalecem uma concepção de roda de conversa que deveria ser um espaço democrático para o exercício de expressões espontâneas, com

diálogo horizontal e oportunidades à criança de expor oralmente seus sentimentos, ideias e emoções. Assim sendo, esta prática seria entendida como uma prática social educativa que permite a interação por meio da linguagem oral.

Deste modo considerado, a roda de conversa pode possibilitar à criança vivenciar a infância na sua totalidade, como ator social que expõe suas ideias, escolhe a brincadeira, canta a música preferida, fantasia acerca de uma temática ou assunto explorado, assim participando ativamente de atividades que favoreçam a construção de sua identidade e autonomia na creche.

Ao refletir sobre as ações desenvolvidas na prática pedagógica e as atividades realizadas no CEDEI projetei memórias. Foram memórias quentes, antigas, engraçadas e valiosas que relacionamos neste espaço de troca de informações. Nesse sentido, as memórias da prática pedagógica constataam a relevância da escuta das vozes das crianças, possibilitando projetar transformações de modo a contribuir para uma nova visão de tratar aqueles que são pequenos, mas podem dizer como querem ser educados.

Sobre a escuta das vozes das crianças e a expressão oral, busquei também conhecer os resultados de alguns estudos que se aventuraram sobre o tema. Os achados legitimam a relevância da pesquisa por mim desenvolvida e mostram pontos de convergências e aqueles que revelam ainda merecida atenção ao tema. Os estudos de Silva e Almeida (2011); Morgado (2013); Almeida (2014); Silva e Valiengo (2010); Motta (2009) trazem a importância da fala da criança e, em algum aspecto, destacam a roda de conversa como espaço favorecedor da linguagem oral na Educação Infantil.

Silva e Almeida (2011) desenvolveu a pesquisa “A Educação Infantil e a participação das crianças na roda de conversa” com o objetivo de problematizar a participação das crianças na educação infantil, a partir da roda de conversa como dispositivo pedagógico que favorece as relações democráticas entre adultos e crianças. Foram observadas crianças de quatro anos de instituições municipais da cidade de Goiânia. Concluíram que a participação é um processo que envolve interação, expressão de ideias, pensamentos, opiniões, escolhas, negociações, condição necessária na defesa da construção de uma educação com base nos valores da democracia, e imprescindível para que as instituições que atendem a primeira infância se constituam lugares de exercício da cidadania plena.

Nesse sentido, entende-se que a pesquisa realizada por Silva e Almeida (2011) fortalece a compreensão dos diálogos na roda conversa, já que seu valor se revela pelas expectativas que ocorram diálogos entre crianças com professor e com outras crianças. Nesse interesse, acredito que o resultado da pesquisa acima citada converge para compreender quais são as práticas que ocorrem nas rodas de conversa na creche investigada.

Morgado (2013) apresenta a pesquisa com o tema “Educação Infantil: o desenvolvimento da linguagem oral em crianças de um a três anos e o trabalho do professor”, tem como objetivo realizar um estudo sobre o desenvolvimento da linguagem infantil e oferecer conhecimentos aos profissionais que atuam nas creches. A pesquisa foi desenvolvida com 10 profissionais, que atendem crianças em creches públicas do estado de São Paulo, explica que a linguagem é fundamental para a interação da criança com outras pessoas e para as relações estabelecidas no meio em que vive, inicialmente com a família, depois com educadores na creche e, pouco a pouco, com o ambiente social mais amplo.

Conclui-se que a linguagem oral nem sempre é trabalhada nas instituições de educação infantil como parte do planejamento educativo, pois muitos educadores que atuam nas creches citam dificuldades no desenvolvimento de ações que promovam a linguagem oral.

Observamos, a partir dos achados dessa pesquisa, que há uma necessidade de se debruçar sobre o tema práticas monológicas e dialógicas na creche no cenário da roda de conversa, haja vista que a linguagem oral deve ser desenvolvida nesta faixa etária e considerando que a criança utiliza da linguagem desde o seu nascimento para expressar suas emoções e seus sentimentos. Portanto, a roda de conversa pode ser um espaço de valorização da fala.

Almeida (2014) em sua pesquisa “Cenas simbólicas e enunciação oral: ressonâncias de sentidos na Educação Infantil” buscou compreender os sentidos produzidos pelas crianças, protagonizados em Cenas Simbólicas e em atos enunciativos, para construir possibilidades de ressonância nas práticas de Educação Infantil. A investigação ocorreu numa classe de Grupo 5 de uma escola em Salvador e concluiu que as crianças rompem a lógica da estabilidade escolar e dinamizam a rotina quando exploram e recriam a realidade a elas apresentadas.

Destaco como resultado da pesquisa de Almeida (2014) que “as crianças atuam responsivamente na relação dialógica com outros sujeitos, adultos e crianças, (...)” percebendo que numa roda de conversa tem possibilidades de ocorrer uma relação dialógica, portanto essa prática possibilitará o desenvolvimento da expressão oral. Desta forma, esse estudo sobre as práticas de linguagem na creche proporcionará uma reflexão a fim de democratizar a fala das crianças buscando validar sua autonomia e sua criatividade.

Motta (2009), em sua pesquisa “Salada de crianças: a roda de conversa como prática dialógica” teve como finalidade compreender se as práticas observadas contribuíam para a construção de um modelo pedagógico que permitia à criança o direito à voz numa relação dialógica. Este trabalho remete à questão: Onde pretendemos inserir as rodas de conversa? No contexto das situações estereotipadas, que independem de seus atores concretos, pois que as falas já estão dadas, ou numa situação de diálogo real, onde cada qual expressa àquilo que julga pertinente e espera do outro uma atitude responsiva ativa? A investigação foi realizada numa escola particular do Rio de Janeiro com relatos extraídos de duas atividades de roda de conversa em turmas de crianças entre dois e quatro anos.

A autora conclui que crianças e adultos, professoras e alunos podem ser conduzidos a um ou outro modelo de interação. Há que se investir na fala do professor para que ele possa ser surpreendido pelas múltiplas significações propostas pela criança, reaprendendo a brincar, transformando objetos, “desadaptando” um pouco sua imaginação da realidade.

Entende-se que a criança constrói formas de comunicação e exposição de suas emoções, contribuindo, portanto, para o desenvolvimento de sua linguagem. Desta forma, a pesquisa de Motta (2009) reflete a importância de instigar a linguagem das crianças através de diálogos nas rodas de conversas que podem surgir das brincadeiras. Entendo que esse processo pode remeter a uma prática dialógica, acredito que a pesquisa “Salada de crianças: a roda de conversa como prática dialógica” é bastante relevante para compreender os diálogos produzidos nas observações da prática pedagógica da creche.

Portanto, discutir a respeito das práticas monológicas e dialógicas na creche proporcionará uma reflexão a fim de democratizar a fala das crianças buscando validar sua autonomia. Para tanto, a pesquisa desenvolvida buscou compreender as

práticas de linguagem nas rodas de conversa do grupo 3, com os objetivos específicos de: caracterizar e analisar as práticas pedagógicas relativas ao desenvolvimento da linguagem oral na creche e identificar atitudes monológicas e dialógicas nas rodas de conversa.

O contexto aqui apresentado coloca a questão de pesquisa que norteou a investigação realizada: Que práticas de linguagem ganham espaço nas rodas de Conversa do grupo 3?

Convidamos o leitor para conhecer as práticas monológicas e dialógicas na roda de conversa da creche através dos resultados apresentados nesta monografia, cuja textualidade está estruturada em cinco capítulos. “Para começo de conversa”, no capítulo um, mostramos o contexto onde o objeto se situa e a relevância da pesquisa desenvolvida com entrelaçamentos de minhas memórias na condição de profissional da Educação Infantil, de cursista do CEDEI e de pesquisadora da infância que valoriza as vozes das crianças.

O segundo capítulo desta monografia apresenta o quadro teórico e as categoriais conceituais inerentes ao estudo desenvolvido. A discussão é direcionada para as práticas de linguagem (monológicas e dialógicas), para a teoria da Dialogia e atividade do diálogo e atividade dinâmica entre EU e Outro (BAKHTIN, 2011) e a dialogicidade, os sujeitos dialógicos e o saber escutar (FREIRE, 2008).

Ainda exibem as orientações dos documentos oficiais publicados pelo Ministério da Educação como o Referencial Curricular Nacional para Educação – RCNEI, no que trata da linguagem oral das crianças de 3 anos; as Diretrizes Curricular Nacional para a Educação Infantil – DCNEI, nos artigos sobre as experiências que possibilitam o desenvolvimento de práticas de linguagem na Educação Infantil.

No terceiro capítulo, a metodologia se apresenta com descrição sobre o método, abordagem e tipo de pesquisa, o cenário e os sujeitos, os procedimentos e os instrumentos metodológicos utilizados, como também as etapas da pesquisa.

No quarto capítulo serão expostas as análises das informações produzidas e a discussão dos resultados em diálogo com os fundamentos teóricos, tomando como referência os objetivos da pesquisa. O último capítulo desenhará as considerações finais, sintetizando os resultados da pesquisa realizada, com respostas para a questão de pesquisa e projeções dos achados para a creche.

## **2. DIÁLOGOS TEÓRICOS PARA COMPREENSÃO DAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM**

Neste capítulo, trago o alicerce teórico que fundamenta a minha compreensão sobre os aspectos que nortearam a pesquisa. Recorro às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil como embasamento para sustentar a minha concepção sobre criança e infância, sobre as orientações pedagógicas que devem ser experimentadas pelas crianças atendidas na Educação Infantil. E para apreensão conceitual da expressão oral, das práticas de linguagem e da roda de conversa foi necessário recorrer aos estudos de Bakhtin (1997) e de Freire (2008) a fim de alicerçar essa discussão.

Na pesquisa desenvolvida, busquei compreender a criança, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - DCNEI - (BRASIL, 2009), como sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e em suas práticas cotidianas, constrói sua identidade pessoal e coletiva, [...] e também constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. Entendendo essa concepção de criança, procurei observar e compreender como ocorrem as práticas de linguagem nas atividades de rodas de conversa na creche ao mesmo tempo em que fortaleço minha expectativa de que a fala dessas crianças seja valorizada. Esta concepção da DCNEI situa a criança como produtora de experiências autônomas, aspecto que nos é relevante para compreensão das práticas de linguagem.

A partir das leituras do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI - (2008), compreendi que as atividades com as crianças da creche devem ser constituídas de diálogos, a fim de contribuir para a construção de conhecimento sobre si e sobre o outro, as conversas são indicadas como base para as brincadeiras e jogos espontâneos. A respeito da conversa e do diálogo as DCNEI (2009) norteiam que os espaços de Educação Infantil possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral (...), estimulando o desenvolvimento da expressão oral das crianças do grupo 3.

A compreensão que Bakhtin (1997) faz sobre o “outro” nos é importante, considerando que discutimos sobre as práticas de linguagem, sejam elas monológicas ou dialógicas, quando afirma que a linguagem é fruto da interação de

indivíduos históricos, constituídos por discurso é interdiscursivo, atravessado por outras vozes. Assim, a linguagem das crianças pequenas é organizada a partir do que ouvem e repetem, seja no convívio familiar ou escolar formando uma interlocução entre sujeitos. Bakhtin provoca-nos, a todo instante, a perceber que o sujeito se constitui socialmente, através de suas interações e de seus diálogos.

Ainda sobre a necessidade de entender como ocorrem os discursos nas práticas de linguagem, Bakhtin (1997) afirma que constituímos e nos transformamos sempre através do outro. Portanto, no âmbito escolar, o professor também se configura o outro, o mediador desta relação que incide na ação do discurso que ocorre em toda convivência escolar, pois a comunicação acontece de acordo com a mediação do adulto e a criança responde como pensa. A essa relação, Orlandi (2011) considera como discurso, “não como transmissão de informações, mas como efeito de sentidos entre interlocutores”, a linguagem como ação social é formada a partir da interação com o outro. Portanto, “todo discurso nasce de outro discurso e reenvia a outro (...)” (ORLANDI, 2011 p. 26).

O professor tem um papel fundamental no processo de significação das crianças para a formação da linguagem. Deve ser o que propicia a formação de conceitos e o processo de investigação das crianças, promovendo momentos reflexivos enquanto as crianças brincam, aprendem e produzem, possibilitando a construção de sua identidade e de sua autonomia no convívio social.

Os estudos de Bakhtin sobre a dialogia fortalecem as discussões a respeito da interação das crianças com o professor na formação da linguagem, quando ele afirma que “A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar etc. (...). Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana” (BAKHTIN, 1997). Nesse sentido, compreendo essa mediação do professor com a criança como uma prática dialógica em que o sujeito tem espaço para perguntas e respostas, para uma interação democrática em que o outro seja ouvido no seu discurso.

Bakhtin (1997) ainda expõe a dialogia como o confronto das entoações e dos sistemas de valores que posicionam as mais variadas visões de mundo dentro de um campo de visão. Ao abordar o diálogo Bakhtin (1997) retrata a importância da relação falante-ouvinte que consiste em promover uma conversa em que ambos assumam o papel de locutor e interlocutor contemplando uma prática dialógica.

Considero uma prática dialógica como um processo de fala e escuta numa relação democrática na qual tanto o professor quanto a criança devem ter o espaço de perguntar e responder, Freire atribui a essa relação à comunicação dialógica:

(...) que a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um sine qua non da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la (FREIRE, 2008, p. 73).

No espaço escolar, considero que a roda de conversa possibilita a comunicação dialógica a qual se refere Freire. Neste espaço, as crianças aprendem o momento de escutar para ouvir e de falar para ser ouvida de forma democrática. Ainda pontua acerca da dialogicidade verdadeira, em que “os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber” (FREIRE, 2008, p. 35).

Portanto, esse espaço de trocas de experiências e conhecimentos, a roda de conversa, se constitui na Educação Infantil, como instrumento de intercâmbio das relações entre professores e crianças e crianças entre si promovendo uma interação contínua, pois deve favorecer de maneira informal e sucessiva de trocas de ideias, de novas ocorrências do cotidiano, das comunicações coletivas, entre outras ações que surgem no ambiente escolar. Nesse sentido, essa prática pedagógica promove momentos que os alunos possam se expressar livremente, de acordo com a proposição do professor, na qual todos têm direito à voz.

As rodas de conversas, assim consideradas como dispositivos de construção dialógica, determinam a socialização de conhecimentos coletivos e contextualizados. Devem priorizar, portanto, as opiniões e a escuta sensível, de forma lúdica, contemplando as experiências de todos envolvidos. As crianças e professores assumem o mesmo papel, atores reflexivos diante da realidade exposta.

Nos seus estudos, Freire expõe acerca da importância de escutar a fim de valorizar a fala do outro, sem autoanulação. A nosso ver, um princípio importante da prática dialógica que deve ser valorizada nas rodas de conversa. Vejamos esta reflexão:

Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer,

evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto anulação. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar, ou melhor, me situar do ponto de vista das ideias. (FREIRE, 2008 p.75).

Diante do contexto, compreendo que o ato da escuta permite uma contraposição do sujeito participante da conversação, possibilitando uma reflexão para intervir no diálogo, na roda de conversa instiga a criança a criar hipótese sobre o assunto discutido na conversa.

Portanto, os diálogos teóricos para compreensão das práticas de linguagem aqui exposto possibilitou minha compreensão a respeito da dialogia e dialogicidade, das concepções de criança e infância e a relevância da valorização da voz das crianças nas rodas de conversa a fim de entender como os fenômenos observados no campo de pesquisa contribuíram para o desenvolvimento da expressão oral do grupo 3.

### 3. CAMINHOS DIALÓGICOS PARA CONHECER AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM

Para compreender as práticas de linguagem nas rodas de conversa do grupo 3, foi desenvolvida uma pesquisa de campo de inspiração metodológica etnográfica. Isso porque, o estudo exigiu um contato direto com o ambiente e os sujeitos que estão sendo investigados, por isso, “[...] o acesso minucioso e denso no meio social escolar e seus atores, assim como do acesso à cotidianidade natural das situações onde se dá prática pedagógica”. (MACEDO, 2004 p.148)

Para tanto, utilizamos o método da Etnopesquisa Crítica, cuja inspiração na etnografia nos permite entender as atitudes das crianças e professores sem criticar suas ações, apenas compreender como ocorrem as práticas de linguagem dos sujeitos investigados. Nesse sentido, essa ação etnopedagógica permitiu um envolvimento em loco com as atitudes observadas nas rodas de conversa do grupo 3.

#### 3.1 ABORDAGEM E TIPO DE PESQUISA

A investigação realizada neste estudo monográfico teve uma abordagem qualitativa através de uma observação periférica. A abordagem qualitativa que consiste em valorizar a descrição dos fatos, bem como, significativos os dados encontrados. Para tanto, foi necessário a minha inserção como observadora nas rodas de conversas a fim de registrar o que realmente acontecia nos eventos, nesse sentido a pesquisa qualitativa autorizou uma interpretação do que foi visto e ouvido em dados de uma ação social, a roda de conversa.

Sobre a observação periférica, tipo de pesquisa usada nesse estudo, é uma experiência, sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno (Macêdo, 2014, p 151). A partir das observações periféricas (sem atuação do pesquisador) nas rodas de conversa do grupo 3, foi possível perceber as atitudes monológicas e dialógicas que ocorriam nesses diálogos, portanto, observar a prática pedagógica nos momentos da roda de conversa foi investigação consolidada nas práticas de linguagem que prevaleceram na grupo 3.

### 3.2 INSERÇÃO NO CAMPO DA PESQUISA

O Campo de pesquisa é uma Creche da Rede Municipal do município de Candeias situada no bairro do Malembá, que atende em média 120 crianças do bairro e dos bairros circunvizinhos, com a faixa etária entre um ano e seis meses a três anos. É uma instituição que atende em tempo integral, as crianças são recebidas às oito horas e os responsáveis as pegam às dezesseis horas, faz parte desse atendimento as refeições, a higiene e as ações pedagógicas com o objetivo de serem cuidadas e educadas. A creche observada apresenta uma lista de espera por vagas devido a grande demanda e em função do município oferecer esta modalidade em apenas três instituições com esta e em bairros distantes.

A estrutura física desta unidade escolar é adequada para atender as crianças na faixa etária de 1 ano e seis meses a 3 anos e 9 meses. São salas arejadas, e com tamanho adequado, possui ampla área externa, com área verde e areia, embora não sejam exploradas. Não desfrutam de brinquedos adequados para a faixa etária, materiais de higiene e de descanso como colchões e lençóis (utilizam utensílios doados pela comunidade), as atividades recreativas são restritas ao espaço da sala de aula.

A Secretaria de Educação dispõe de um acompanhamento pedagógico realizado por oito professores orientadores que atendem diretamente às unidades escolares com frequência, nos momentos de AC's, nas reuniões com coordenadores e gestores, na organização de planejamentos, oferecendo orientação didática, dirimindo, assim, as dúvidas e norteando a prática pedagógica.

As atividades pedagógicas são desenvolvidas com base na Proposta Pedagógica do município construída em 2012 e revisada em 2014 com a participação de professores e pais dos alunos. O documento é orientado pelas DCNEI (BRASIL, 2009) e pelo RCNEI (BARSIL, 1998), fundamentadas nas Teorias de Henri Wallon, Jean Piaget e Lev Vygotsky, resultando numa proposta sócio interacionista. Entretanto, são utilizadas muitas atividades xerocopiadas e poucas atividades lúdicas, tanto de cunho pedagógicos quanto livres.

Para a inserção no campo de pesquisa foi necessário à apresentação de documentos que me assegurou legalmente para desenvolver a investigação. A carta de apresentação foi entregue numa conversa formal com a gestora, na qual marcamos uma reunião com as coordenadoras e professoras para apresentar o

Projeto de pesquisa e explicar com seria toda dinâmica da pesquisa e ainda nesse dia marcamos a reunião com os pais com a finalidade de solicitar a autorização de imagens das crianças. Todos os documentos citados estão em anexo a esta monografia.

Considerando a estrutura física da escola, o número de crianças, o número de professoras que atuam na classe e o atendimento em tempo integral, considerei o cenário apropriado para desenvolver a pesquisa de campo. Isso porque, a investigação exigia um contato com os sujeitos investigados.

### 3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos que foram observados são as treze crianças que compõem o grupo 3 da creche, a professora da turma e sua auxiliar de classe. Desenvolveu-se a observação nas rodas de conversa com as crianças visando ouvir sensivelmente os diálogos para analisar com criticidade as vozes infantis. Esse grupo foi escolhido pela faixa etária, são crianças com a faixa etária entre 3 anos e 3 anos e seis meses. As crianças dessa idade já dominam um vocabulário que lhe permite conversas, esse foi outro aspecto determinante para realizar as observações nesse grupo, haja vista, que as atividades desse grupo devem contemplar o desenvolvimento da expressão oral.

Algumas crianças conversavam com a professora ou com a auxiliar, outras dialogavam apenas entre si, durante as brincadeiras ou durante as refeições. Esses momentos despertaram interesse por observar o grupo, considerando o objeto da pesquisa, as práticas de linguagem, faz-se necessário um espaço em que haja falas, espontâneas ou produzidas por questionamentos e/ou aguçados por alguma situação.

Desta forma, os momentos como: as rodas de conversa, brincadeira no parque, o banho de sol, o lanche e almoço, períodos curtos que poderiam ter demonstração de interesses, curiosidades, faz de conta, conflitos, entre outros aspectos, estabeleceram os pequenos diálogos entre as crianças que poderiam ser observados. Esses momentos marcaram a participação das crianças na pesquisa de campo.

Visando considerar a caracterização e análise das práticas que desenvolvem a expressão oral do grupo 3, a professora e a auxiliar tiveram uma participação indispensável para a realização dessa investigação, pois, suas atividades diárias como as rodas de conversa mostrariam como acontece o desenvolvimento da expressão oral.

Por uma questão de ética os atores da pesquisa foram nomeados como: Professora e auxiliar, enquanto as crianças, como A1, A2 a A13.

### 3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização da pesquisa, foi necessário adotar alguns procedimentos metodológicos, definindo etapas, ações e dispositivos adequados à natureza do estudo, ao objeto e aos sujeitos. Algumas etapas anteciparam a inserção no cenário para realização da pesquisa de campo, pois foram relevantes para o planejamento das ações e para construção dos vínculos necessários com os sujeitos participantes.

#### **3.4.1 Orientações Monográficas**

Consistiram de encontros com o orientador para definições sobre as ações referentes aos estudos de revisão de literatura e etapas referentes à pesquisa de campo. Tais orientações trouxeram sustentação para o planejamento das observações, para inserção no cenário de pesquisa, para construção de vínculos com os sujeitos, para o desenvolvimento da investigação, como também, para a textualidade dos resultados do estudo.

Os encontros de orientação eram mediados pelo caderno de planejamento das ações e pelo diário de campo, com as funções de, respectivamente, planejar as diferentes etapas da pesquisa de campo, indicando ação, período, objetivo, e dispositivo; registrar em notas descritivas e reflexivas as ações desenvolvidas no campo de pesquisa.

As orientações sobre a sistematização da escrita monográfica incluíram a organização dos capítulos, a escrita e reescrita sempre que se fazia necessário, os prazos a serem cumpridos, orientações acerca de normas da ABNT e indicações para revisão linguística com base nas inadequações da língua portuguesa.

### **3.4.2 Reuniões com a comunidade escolar**

A reunião com a comunidade escolar teve a participação da gestora, as coordenadoras, a professora e auxiliar do grupo 3, com o objetivo de comunicar a minha inserção como pesquisadora na creche, a metodologia que seria aplicada e em que grupo desenvolveria a pesquisa. Logo após ter recebido a carta de autorização da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (ANEXO A), os encontros foram agendados com a gestora no dia 17/08/2015, com as coordenadoras, as professoras e a auxiliar para o dia 20/08/2015, com os pais aconteceu para o dia 24/08/2015.

Esses encontros tiveram como foco a apresentação do projeto de pesquisa com detalhamento e explicações sobre os objetivos, o cronograma, a importância do estudo, a metodologia, as questões éticas como os documentos de Anuência da direção (ANEXO B) das professoras (ANEXO C) e dos pais (ANEXO D), e a participação das crianças quanto à reunião com os pais, teve o objetivo de conhecerem a importância das autorizações para o registro das vozes e imagens das crianças, procedimento indispensável para análise das informações produzida. Todos os pais concordaram com a participação das crianças na pesquisa assinando o termo de autorização.

Essas reuniões ocorreram tão logo foi definido o campo de pesquisa para a inserção como pesquisadora na Unidade Escolar, já que não atuava como professora atuava como coordenadora geral da Educação Infantil no município de Candeias.

### **3.4.3 Conhecendo as crianças**

Antes de iniciar as observações periféricas *in loco*, passei duas manhãs na classe com o objetivo de criar vínculos com as crianças para iniciar as ações da pesquisa de campo com laços afetivos sem resistência por parte das crianças. A professora fez as devidas apresentações e as crianças quiseram saber o que aquela professora estranha iria fazer na sua sala, fizeram perguntas com o intuito de entender qual seria a minha função no espaço delas. Expliquei com uma linguagem clara sobre o que seria a pesquisa e quanto tempo estaria junto ao grupo.

Estipulamos alguns combinados a fim de tornar nossos encontros favoráveis a investigação e que as atividades iriam acontecer normalmente, pois a minha presença não deveria mudar a rotina do grupo 3.

#### **3.4.4 Observações periféricas**

As observações foram desenvolvidas em quatro momentos, teve inicialmente o objetivo de caracterizar e analisar as práticas pedagógicas relativas ao desenvolvimento da expressão oral na creche, para tanto foi necessário observar as rodas de conversa que serão descritas no capítulo quatro. Essas práticas foram selecionadas por que elas apontavam objetivos que se aplicavam ao meu interesse.

As observações também buscaram identificar atitudes monológicas e dialógicas nas rodas de conversa, para tanto os diálogos destacados nessa análise objetivou compreender as atitudes desenvolvidas pelas crianças, professora e auxiliar do grupo 3.

As observações tiveram início no dia 30/09/2015 e finalizaram no dia 06/11/2015, em dias alternados, sempre no período matutino, no início da aula. Na condição de pesquisadora, desenvolvi observações de cunho periférico.

Foram realizadas oito observações registradas em dispositivos de áudio e vídeo. Os registros concentraram-se nas falas das crianças e das professoras. Durante a roda de conversa houve momentos de orações, músicas, contação de história e outras conversas. A frequência do grupo é em média 08 crianças por dia.

Para registro dos diálogos no grupo 3 foram utilizados o aparelho celular como gravador de áudio, e o diário de campo que possibilitaram a organização do material de investigação a ser tratado a partir das observações realizadas nas rodas de conversa da classe J da Creche.

A função de escriba das falas, principalmente das crianças pequenas, exige uma atenção redobrada, pois os fatos acontecem com muita rapidez e às vezes algumas falas ficam despercebidas.

Foram gravados três áudios, o primeiro tratou de “uma viagem pelo mar” com a música a “Canoa virou”, o segundo tratou da contação da história “O Patinho feio” e o terceiro intitulou-se como a “cor do sol”. Foram gravados três vídeos, comemorando o “Dia das crianças”, o primeiro vídeo, “A água” foi o segundo e “os

números” foi o terceiro. A gravação desses vídeos possibilitou uma análise aprofundada das observações, o qual foi visto e revisto, a fim de não perder detalhes.

## **4. PRÁTICAS DE LINGUAGEM NA RODA DE CONVERSA NO GRUPO 3**

Este capítulo traz a análise das informações produzidas na pesquisa de campo, especificamente nas observações realizadas na classe J do Grupo 3. Para melhor compreensão, o texto está organizado em duas seções. A primeira acompanha o objetivo de caracterizar e analisar as práticas pedagógicas relativas ao desenvolvimento da linguagem oral na creche e a segunda de identificar atitudes monológicas e dialógicas nas rodas de conversa.

Na primeira seção, mostrarei em que consistem as práticas pedagógicas apresentadas, relatando sua sequência didática, seus objetivos, bem como descrevendo e analisando teoricamente suas características. Serão destacadas de que forma a linguagem oral está sendo trabalhada e incentivada nas atividades desenvolvidas no grupo 3.

Na segunda seção, serão exibidas as atitudes monológicas ou dialógicas que surgiram nas rodas de conversa observadas no Grupo 3, oportunidade em que análises críticas serão realizadas com o objetivo de destacar as atitudes que prevalecem nas práticas desenvolvidas com a participação das crianças.

### **4.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA CRECHE E A EXPRESSÃO DA LINGUAGEM ORAL**

As práticas pedagógicas desenvolvidas na creche representam o contexto onde práticas monológicas e dialógicas se apresentam e constituem objeto de reflexão e análise durante a pesquisa de campo desenvolvida. Destacaram-se as práticas de rodas de conversa, assim nomeadas: “A canoa virou”, “Dia de alegria”, “Pintando o sol” e o “Patinho feio”.

#### **4.1.1 A canoa virou (30/09/015)**

A primeira prática pedagógica observada consiste em apresentar uma dramatização da música “A canoa virou”, com a participação efetiva das crianças. Com a apresentação da música as crianças deveriam reconhecer o próprio nome em fichas. Nessa roda de conversa, foi possível analisar aspectos que

representaram o desenvolvimento da linguagem oral das crianças. Oito crianças estavam presentes na sala e haviam terminado o café da manhã, quando a professora as convidou para sentarem nas cadeiras arrumadas em fileiras uma frente à outra e anunciou que fariam uma viagem ao fundo do mar.

O cenário organizado mostrava um tecido colorido esticado sobre o chão, fazendo a vez do mar e um lençol branco por cima representando a canoa, A professora colocou fichas com os nomes das crianças sobre a canoa, e orientou as crianças para sentarem em cima das fichas quando ouvissem chamar seus nomes, primeiro as meninas e depois os meninos.

A professora cantou a música repetida vezes: “A canoa virou, não deixai ela virar foi por causa de ( nome da criança) que não soube remar”. Cada momento que cantava inseria o nome de outra criança e pedia para elas não pararem de remar, para a canoa não afundar. Logo que acabou a cantoria, iniciou-se uma rápida conversa entre duas crianças a respeito do que havia no mar, outra criança descreve a praia. A professora indagou sobre quem conhecia o mar e quem já tinha aprendido a nadar.

Com relação à prática pedagógica descrita, observei que houve uma participação das crianças no desenvolvimento da canção, elas repetiam a música até que o nome de todas as crianças fosse cantado. Porém, apareceram elementos na música que talvez não façam parte do cotidiano de todas as crianças, como a canoa, o remo, o mar. Quanto à construção do conhecimento através da linguagem, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil orienta:

No processo de construção do conhecimento, as crianças utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva, as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação. (BRASIL, 1998, p. 21-22).

A respeito dessa significação e em função da construção do conhecimento Bakhtin (1997) retrata que toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for à natureza de seu material significativo, nesse sentido a criança constrói

seu conhecimento a partir de fatos palpáveis, ou seja, ela precisa fazer referência a uma situação concreta da sua vivência. Portanto, compreendo que esta prática poderia ter uma maior significação para as crianças da creche se junto à atividade houvesse uma contextualização dos elementos que aparecem na música com sua função real no cotidiano das crianças, como descrever o mar e os elementos que nele há e que faz parte da vivência da criança como o peixe que ela usa como alimento.

Nesse sentido, essa prática pedagógica alcançou seu objetivo primórdio das crianças reconhecerem seus nomes, além de ter utilizado a música como ferramenta pedagógica, favorecendo a socialização e a interação do grupo. Porém, podemos entender sob a luz das DCNEI/2009, em seus princípios, que orienta os espaços de Educação Infantil em utilizar da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais:

As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (Brasil, 2009, p.16).

Diante disso, afirmo que o desenvolvimento dessa prática pedagógica poderia ter contribuído mais efetivamente para a expressão da linguagem oral das crianças do grupo 3, se as crianças tivessem oportunidade de criar hipóteses, socializar saberes e desenvolver sua criatividade ao participarem oralmente da atividade.

#### **4.1.2 Dia de alegria (06/10/2015)**

Na segunda prática descrevo a roda de conversa “Dia de alegria”, uma ação que diz respeito ao início da semana da criança com atividades voltadas para as festividades. Essa prática teve como objetivo desenvolver atividades lúdicas em comemoração ao Dia das Crianças. Foram momentos de músicas e conversas que

se realizados com frequência podem favorecer o desenvolvimento da linguagem oral da criança na creche. Vejamos como ocorreu:

Ao chegar à sala, percebi a alegria das crianças ao serem servidas com o café da manhã. A professora conversava com o grupo explicando que teriam momentos de alegria e que todos deveriam tomar o café todinho para participarem da brincadeira. Logo que todas as crianças concluíram a refeição, foram levadas pela auxiliar ao banheiro, retornaram à sala com o intuito de brincarem.

A professora, então, incentivou a cantarem e dançarem com entusiasmo entorno de mais ou menos 15 minutos. O repertório incluiu as canções: “o sapo não lava o pé”, a “galinha pintadinha”, o “pintinho amarelinho”, “na loja do mestre André”, “a formiguinha”. Enfim, percebi uma descontração das crianças, pois, esse momento foi recheado de alegria demonstrado através dos risos, gritos e muito movimento.

As crianças precisaram de alguns minutos para relaxarem da agitação. Então, foram convidadas a sentarem no chão em círculo com o auxílio da outra professora. Depois de todos acomodados, iniciou uma conversa sobre o dia das crianças, com perguntas, tais como: Quem sabe qual é o dia das crianças? O que as crianças podem fazer? .

Nessa roda de conversa, pude observar que houve uma adequada interação entre crianças enquanto cantavam e dançavam, era como uma brincadeira livre sem limites para ser feliz, porém, ao sentar-se, uma expectativa, na condição de pesquisadora, tomou conta daquele espaço. A linguagem oral foi explorada de forma muito superficial, a conversa foi limitada em informar a data da comemoração e o que as crianças costumam fazer no Dia das Crianças, sem espaço de oportunidades para expressar oralmente suas ideias e opiniões. ,

Para validar essa constatação recorro a Bakhtin (1997), quando pontua que o sujeito se constitui socialmente, através de suas interações e, de seus diálogos. Portanto, a roda de conversa deve ser um espaço de troca de experiências e enunciação discursiva, na qual tanto o falante quanto o ouvinte se pronunciam trocando de papéis com o intuito de promover diálogos numa ação social. Nesse sentido, compreendo a necessidade de proporcionar a criança esse espaço para que construa suas opiniões sobre o assunto, e/ou conceba, neste momento, novos conhecimentos através das ideias que circulam na conversa.

Isso porque, conforme observarmos no RCNEI, a roda de conversa deve ser o espaço de diálogo:

A roda de conversa é o momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias. Por meio desse exercício cotidiano as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem (BRASIL, 1998, vol. 3, p. 138).

Nessa mesma direção, as DCNEI/2009 estabelecem que as práticas pedagógicas da Educação Infantil devam possibilitar às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral (...), nesse sentido, a prática desenvolvida nessa roda de conversa acabou por reduzir as possibilidades de interação entre criança e professora e entre as próprias crianças através da linguagem oral, como questiona Freire (2008 p.17), (...) Porque não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Nesse sentido, essa prática poderia ter explorado o conhecimento de algumas crianças sobre a infância ecriança, qual o significado dessas expressões para elas.

#### **4.1.3 Pintando o sol (08/10/2015)**

Essa prática que aqui destaco não se constitui uma roda de conversa convencional, porém considerei como uma atividade que aparece oportunidades de desenvolvimento da expressão oral, pois entendo que a conversa deve rodar em qualquer momento das atitudes do grupo 3. Nessa prática, surgem as falas espontâneas de algumas crianças. Tratava-se de uma atividade de pintura com o objetivo de conhecer a cor amarela e os alunos deveriam pintar a figura do sol e colar palitos nos raios. Vejamos como aconteceu.

Após o café da manhã, como rotineiramente acontece, a professora chamou a atenção das crianças para sentarem em círculo, anunciando que iriam ter uma conversa com Deus. Ao terminar a oração, ainda sentadas no chão, a professora comunicou às crianças que trouxera uma surpresa para elas, era um desenho para elas pintarem. Antes da pintura, o tempo foi destinado para uma conversa sobre o desenho.

As crianças demonstraram interesse, a professora distribuiu a folha com o desenho mimeografado e anunciou a atividade com perguntas sobre o desenho, sua funcionalidade, cor, entre outros aspectos. Algumas crianças participaram com entusiasmo e interagiram com a professora a respeito do desenho do sol.

Quanto à questão sobre o desenho, uma criança declarou que a figura representada no papel seria uma aranha, resposta considerada inadequada pela professora. Quem poderia afirmar que aquela figura não era uma aranha? O círculo poderia ser considerado o corpo e os traços representariam as pernas da aranha? Como mostro na figura abaixo:



Figura 01- Grupo3 - 08/10/2015

Em seguida, uma afirmação foi aceita, era o sol.

Sobre a segunda questão, sobre a funcionalidade do sol, alguns afirmaram servir para esquentar o corpo, outros para enxugar as roupas da mamãe.

Enquanto a terceira houve algumas divergências, mas prevaleceu a concepção da professora e não sendo diferente com a outra questão, “o sol é amarelo e aparece pela manhã”.

Nesse sentido, percebo que há um domínio no discurso da professora, a falta de oportunidades para as crianças levantarem hipóteses ou anunciar uma discordância da opinião do outro, mesmo o outro sendo o colega, parece contribuir para o desenvolvimento da competência discursiva que favorece o desenvolvimento da expressão oral. A esse respeito, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil orienta:

A aprendizagem oral possibilita comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciar outro e estabelecer relações interpessoais. Seu aprendizado acontece dentro de um contexto. Quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa (1998, vol. 3, p. 120).

Há uma necessidade de estender a conversa, de alimentar outras possibilidades de diálogos, a fim de contemplar o desenvolvimento da linguagem oral das crianças de 3 anos. Em seus estudos, Freire discute sobre essa necessidade de quem ouve ter o que falar.

Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer. Mais ainda, que o que tem a dizer não é necessariamente, por mais importante que seja, a verdade alvissareira por todos esperada. É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado( FREIRE, 2008, p.73).

Portanto, a verdade absoluta que Freire cita pode, nesse caso, se relacionar com a representação da figura no papel de que um círculo com várias linhas saindo dele, para uma criança de 03 anos, pode ser reconhecido como uma aranha, mas a verdade da professora é que essa figura representava o sol. Considerando a capacidade de a criança produzir seu próprio conhecimento, deixou-se de propiciar uma adequada prática de linguagem no grupo 3. Freire (2008, p. 75), ainda acrescenta “que a verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar”.

#### **4.1.4 O Patinho Feio (04/11/2015)**

Na quarta prática pedagógica, tratou-se de uma contação de história com o título “Patinho Feio”, como sua finalidade era recontar a história, a expectativa de que as crianças iriam expor seu entendimento acerca da história que ouvira é grande, já que, foram convidadas a recontar a história. Considerei, portanto, como uma prática que possibilitasse o desenvolvimento da expressão oral. Essa atividade teve como objetivo o reconto da história do Patinho Feio, para percepção e descrição de elementos da história.

A professora explicou-me que estavam trabalhando o Projeto Consciência Negra, e iriam desenvolver as atividades do projeto com algumas histórias clássicas como os Três porquinhos, Branca de Neve e os sete anões e outras do acervo que a escola havia recebido do MEC como Tanto, Tanto, As tranças de Bentou e a Princesa mimada que só ela, estas obras estavam relacionadas para trabalhar o projeto.

Em seguida, reuniu as crianças em círculo sentadas no chão e apresentou a história que ia ser contada. Contou a história mostrando as gravuras e as crianças ficaram com os olhos e ouvidos atentos acompanhando a história do Patinho feio até o final. Depois pediu às crianças que recontassem a historinha.

Algumas crianças tentaram, mas ao mesmo tempo, queriam segurar o livro, causando uma pequena confusão. Uma vez controlada a algazarra, a professora sugere que recontem a história um de cada vez e o livro permaneceria nas mãos da professora. As crianças foram motivadas a recontar a história através de perguntas, que respondiam conforme as alternativas sugeridas pela professora.

Observei que o reconto tornou-se uma interpretação do texto através de perguntas indicadoras, com respostas pontuadas. As crianças pouco expressaram suas próprias opiniões ou novas ideias. Para compreender essa prática recorro aos estudos de Freire a respeito de aguçar a curiosidade do educando:

Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pode pretender com esta ou com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas do professor, espécies de respostas a perguntas que não foram feitas. Isto significa realmente que devemos reduzir a atividade docente em nome da defesa da curiosidade necessária, a puro vai-e-vem de perguntas e respostas, que burocraticamente se esterilizam. A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. (Freire, 2008, p.52).

A história do Patinho Feio é rica de possibilidades para a expressão da linguagem oral, como criar um novo final para a história e ou outra situação, pois, através da criatividade, os diálogos poderiam ser reconstruídos, “Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento” (Freire, 2008, p.52).

Ainda assim, esperava-se que uma discussão a respeito da diferença de um dos patinhos, além de validar o objetivo proposto pela professora, que não teve destaque na história, poderia favorecer a expressão da oralidade, pois a discussão sairia de questionamentos interpretativos da história e transitaria por outras relações possíveis que as crianças trariam sobre preconceito ou racismo, obviamente, com respeito aos potenciais cognitivos das crianças de exploração do tema.

Para Bakhtin (1997), em um mundo de palavras do outro, de tal modo que as complexas relações de reciprocidade com a palavra do outro em todos os campos da cultura e da atividade completam toda a vida do homem (...), neste sentido, os diálogos poderiam contemplar o desenvolvimento da linguagem oral das crianças em que poderiam identificar situações de racismo ou preconceito que acontecem no cotidiano.

Portanto, essa sessão objetivou caracterizar e analisar as práticas de linguagens que não ocorrem no grupo 3. As práticas apresentadas tanto mostrou práticas dialógicas quanto monológicas e as rodas de conversas ainda precisam ser momentos de experiências dialógicas em que todos os sujeitos tenham suas falas valorizadas.

#### 4.2 ATITUDES MONOLÓGICAS OU DIALÓGICAS NAS RODAS DE CONVERSA

Nesta etapa da análise exponho atitudes monológicas e dialógicas que foram observadas nas rodas de conversa do Grupo 3. As quatro rodas de conversa, são assim nomeadas: A canoa virou, Dia de alegria, Pintando o sol e o Patinho feio, como já apresentadas na seção anterior. Essas atitudes foram identificadas nas práticas monológicas e dialógicas desenvolvidas nessa classe.

A partir dos estudos de Bakhtin (1997) sobre a teoria da Dialogia, “atividade do diálogo e atividade dinâmica entre EU e Outro em um território preciso socialmente organizado em interação linguística”, destaco elementos para embasarem as discussões nas análises das atitudes monológicas e dialógicas. Portanto, os diálogos das crianças com crianças ou com a professora e as atitudes que se destacam serão analisados a luz dos seguintes elementos: Dialogia e Relação falante-ouvinte.

### 4.2.1 Dialogia

Para Bakhtin (1997) “a vida é dialógica por natureza”. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar etc. Nesse diálogo, o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos, sem excluir o outro. O movimento da sala de aula não pode ser diferente, os atores atuantes nesse contexto devem encontrar o espaço para um diálogo permanente em alguns momentos entre o sujeito e o objeto e em outro entre os sujeitos.

Nessa atividade do diálogo entre o Eu-Outro em um território socialmente organizado deve haver interação linguística de pelo menos duas enunciações. Na sala de aula podemos identificar o outro mais ativo como a professora, esta deve promover a interação com as crianças. Bakhtin (1997) ainda é incisivo na defesa de um sujeito ativo na constituição da língua, sendo assim, também constituído por ela e a partir do diálogo e da interação verbal com o outro.

Vejamos um momento em que podemos visualizar a atitude dialógica em uma conversa do Grupo. O diálogo ocorreu durante uma roda de conversa com o título “Dia de alegria”:

[Iniciava a aula quando a professora se pronunciou]

Professora: \_Hoje só vamos ter momentos de alegria, então todos devem tomar o café todinho para brincar.

A1: \_Brincar de que? A1 perguntou

Professora: \_ Vamos brincar de muitas coisas, vamos cantar e dançar, porque estamos na semana da criança. Responde a pró.

A3: \_ Vai ter lanche, minha pró? (perguntou com entusiasmo).

Professora: – Vai sim, mas vamos terminar logo o café viu A3, comendo tudinho ai. (A professora respondeu com animação)

Classe J - (06/10/2015)

Nesse contexto, percebi um diálogo breve da professora com duas crianças que podemos considerar uma prática dialógica, porém com algumas considerações. Percebi uma interação dos sujeitos envolvidos no diálogo, pois, a professora respondeu ao questionamento da criança não apenas com resposta afirmativa, mas com uma significação para o “dia de alegria” correspondendo ao que considera Bakhtin (1997) na dialogia. Embora tenha observado a presença de vozes da

professora e das crianças em atividade do diálogo, inclusive com presença de fundamentais entonações (pessoais – emocionais), que valoram e ideologizam, penso que as palavras e as réplicas poderiam ser mais acentuadas, ou seja, poderia caber à própria criança a resposta de quais brincadeiras elas gostariam para aquele dia, o que gostariam de fazer etc. É certo, que o momento era ainda de anúncio da ação para aquele dia e a concentração era para o momento do café da manhã.

Em outro momento, durante a dramatização da música “A Canoa virou”, observei configurações de atitude monológica. A professora ao ouvir a pergunta da criança, deixou de criar possibilidades para expressão oral da mesma e de ampliar seu repertório de interação entre si, entre o outro e entre o objeto de conhecimento. Senão, vejamos:

[A professora cantava a música “A canoa virou”, a deixe virar, foi por causa de - o nome das crianças - que não soube remar]

Professora: \_Todos remando para a canoa não virar. .

A10: Posso tomar banho, minha pró ?

A5: Aqui nem tem água, A10. .

Professora: Crianças sentem-se nas cadeiras. [Respondeu a professora, anunciando o fim da atividade].

A atitude da professora demonstra se não uma falta de atenção quanto às observações das crianças, um desprezo pela fala da criança. Entendo que para que essa prática permitisse uma atitude dialógica deveriam aparecer várias possibilidades de conversa a respeito, por exemplo, da praia como lazer, do banho como hábitos de higiene, entre outros assuntos que poderiam ser discutidos com a opinião das crianças comungando numa produção de cultura. Nesse sentido, não aparece a dialogia, pois, necessitaria do confronto das entoações e dos sistemas de valores para posicionamento das mais variadas visão de mundo dentro de um campo de visão como nos faz crer Bakhtin, (1997).

Quanto à oportunidade de diálogos, Freire (2008) considera que:

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 2008, p. 51).

As palavras do autor me fazem compreender que a atitude exibida foi monológica, pois não favoreceu a oportunidade do aluno ser dialógico, indagador, e

ainda impossibilitou da criança se envolver na brincadeira de faz de conta sugerida na atividade. Portanto, a prática em destaque mostrou características contrárias ao que o autor defende de que ensinar exige disponibilidade para o diálogo.

Portanto, compreender a dialogia é reconhecer que as opiniões do outro devem ter a mesma relevância que o autor do discurso trás, ele não deve se anular diante de oposições a sua ideia, mas respeitar e oportunizar a fala do outro. E nas rodas de conversa que aparecem as características desse conceito podemos considerar uma prática dialógica.

#### 4.2.2 Relação falante-ouvinte

A interação entre o falante (locutor) e o ouvinte (interlocutor), para Bakhtin (1997), é constituída através dos signos. As palavras funcionam como um elo entre os sujeitos (interlocutores) e surgem carregadas de valores sociais que já foram também constituídos socialmente. Essa interlocução entre sujeitos é construída por meio da enunciação dos discursos. Na teoria bakhtiniana, a palavra é um fenômeno ideológico por excelência.

Numa prática dialógica os aspectos que contribuem para a construção da identidade da criança são notados pela relação falante-ouvinte. Os diálogos durante a roda de conversa devem proporcionar essa ação, escuta/fala numa reflexão sobre as situações do cotidiano e/ou outras situações que possam relacionar com o que ocorrem na própria sala de aula, como exponho nesse diálogo que aconteceu durante a atividade de reconto da história Patinho Feio:

Professora: \_O que o patinho esta bebendo?  
 Crianças: Água! [Todos responderam em coro].  
 Professora auxiliar: \_Ele esta chorando ou dando risada?  
 A1:\_Ele esta chorando! .  
 Professora: \_Por que ele estava chorando?  
 A1: \_Porque os patos estavam abusando ele! [Respondeu com ênfase]  
 Grupo3 04/11/2015

A roda de conversa ilustra um momento do reconto que valoriza a prática dialógica, com espaço para atitude dialógica por parte dos interlocutores. A conversa iniciada pela professora oportunizou a criança A1 responder e anunciar sua opinião, definindo o motivo que deixava o patinho triste. Contudo, considerando que uma

prática dialógica vai além de responder perguntas da professora, porque deve explorar os sentidos que levaram a construção dessas perguntas, possibilitando à criança expor suas ideias, seus sentimentos no momento da conversa, e também ser ela própria a indagadora, considero outras possibilidades de no diálogo apresentado constituir as relações dialógicas. À criança pode ser dada a oportunidade de perguntar sobre a história ou a professora pode apresentar questões sem dar as alternativas de respostas, a exemplo: Como está o Patinho? O que será que está acontecendo com ele? Por que ele está com a carinha assim? O que aconteceu? Por que os outros patos estão abusando dele? O que vocês acham disso?

Em outra atitude podemos notar só um único aspecto representou oposição ao elemento que trago para discutir a prática dialógica, o da aranha. Em termos de diálogo foi rico. Com presença de saberes construído pela criança com o Outro dialógico que se encontra também fora da escola. A criança criando hipóteses e fazendo relações sobre fenômenos da natureza. Como vamos ver no dialogo:

[Após distribuir uma folha de ofício para cada criança, a professora iniciou um dialogo assim]

Professora: \_Quem sabe o que é isso no papel? .

A5:\_ É uma aranha.

Professora: – Não, não é uma aranha.

A1:\_ Eu sei minha pró ! É o sol, ela é uma estrela amarela. [A1 levanta o dedo e gritando responde].

Professora:\_ Muito bem, uma estrela amarela! Quem lhe disse isto?

[A Professora, surpresa, comentou]

A1:- A mamãe que disse.

Professora:- Esta certa A1, o sol é uma estrela que brilha durante o dia e vamos pinta-la de amarelo! .

A8:– Porque tem calor, não é minha pró?.

Professora: – Isso mesmo, A8. O sol quando brilha nos dá o calor.

A10: Quando esta de noite faz frio e tem chuva, minha pró?

– É isso mesmo.

Percebi que houve um momento de interação com a professora. Ela lhes apresentou a atividade de pintura, pedindo para que eles identificassem o desenho. Uma criança apresenta a primeira possibilidade, “uma aranha”, foi desconsiderada, então a verdade se estabeleceu com uma única opinião numa classe com dez alunos, era um sol, estrela de cor amarela. E as outras crianças foram provocadas a emitiram outra opinião sobre o desenho, portanto a figura era o sol e devia ser pintado de amarelo.

Por outro lado, as crianças A8 e A10 ampliam a proposta da atividade planejada pela professora. A8 procurou explicar para que serve o sol: Porque tem calor, não é minha pró? e A10 fez relações recorrendo a outros fenômenos da natureza: Quando esta de noite faz frio e tem chuva, minha pró?. Observamos que as crianças se aventuram em tecer conhecimentos sobre o tópico da conversa. A primeira se concentra na funcionalidade do sol e a outra faz reflexões sobre fenômenos naturais que faz parte do cotidiano das crianças presentes no grupo. Nesse sentido, podemos dizer que as próprias crianças provocam uma atitude dialógica, se inserem na conversa construindo elas próprias atitudes dialógicas, embora a condução da atividade tenha revelado uma prática de cunho predominantemente operacional.

A esse respeito, as DCNEI (BRASIL, 2009) dizem que os espaços de Educação Infantil devem promover momentos de experiências em que as crianças se sintam incentivadas a desenvolver a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento em relação ao mundo físico e social, ao tempo e a natureza. Esse momento deixou de possibilitar uma rica relação falante-ouvinte capaz de permitir a construção de conceitos, opiniões, ideias através da expressão oral dessas crianças.

Para Bakhtin (1997), o diálogo se revela uma forma de ligação entre a linguagem e a vida, permitindo que a palavra seja o próprio espaço onde se confrontam os valores sociais contraditórios. Portanto, esse diálogo deveria ter uma forma democrática de comunicação, na qual, todos os atores falam e escutam, interagindo com o conteúdo da conversa de forma efetiva favorecendo a relação falante-ouvinte.

## 5. E PARA CONCLUIR, É A CONVERSA QUE DEVE RODAR

Este estudo tratou da investigação realizada em uma Creche do município de Candeias que se propôs a compreender as práticas de linguagem nas rodas de conversa do grupo 3. Para fundamentar as discussões tomei como referência teórica os estudos de Bakhtin (1997), Freire (2008) no que diz respeito à Dialogia e a dialogicidade. A pesquisa teve como objeto de pesquisa as práticas de linguagem desenvolvidas nas rodas de conversa, sendo assim, foram analisados os diálogos que ocorreram durante as observações no Grupo 3.

Considerando que o interesse da pesquisa surgiu de inquietações produzidas durante as visitas técnicas como Coordenadora Geral da Educação Infantil no município de Candeias e foram mais ampliadas a partir das aprendizagens construídas durante o Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (CEDEI/MEC/UFBA). Os resultados aqui apresentados focalizam a área de Educação Infantil e os sujeitos que a protagonizam, especialmente as crianças e professores da creche. Portanto, os achados direcionam atenção para a importância de valorização das vozes da infância, da expressão oral, dos diálogos, e de práticas pedagógicas com atitudes dialógicas reais.

Após o processo de observação dos fenômenos no cenário de pesquisa, os procedimentos metodológicos, norteados pela Etnopesquisa, conduziram-me para leitura, tratamento, interpretação e análise das informações produzidas. A partir da questão de pesquisa “Que práticas de linguagem ganham espaço nas Rodas de Conversa do Grupo 3? Construí respostas transitando por quatro rodas de conversa, às quais como práticas pedagógicas foram caracterizadas em monológicas ou dialógicas, de acordo com as atitudes que nelas prevaleciam.

Sobre as práticas dialógicas, aparecem com pouca frequência nas práticas pedagógicas observadas nas rodas de conversa. A canoa virou, Pintando o sol e o Dia de alegria, caracterizara-se com algumas atitudes dialógicas que possibilitou a expressão oral das crianças, oferecendo espaço para que elas expusessem ideias e sentimentos.

Com relação às práticas monológicas, foi observada na História do Patinho Feio que tinha como o objetivo o relato de história e o trabalho com as diferentes características dos filhos da “Pata”, porém, não percebi que a oportunidade do

reconto estabelecer o desenvolvimento da expressão oral nessa prática pedagógica. Apesar das crianças conhecerem a história, as perguntas norteadoras feitas pela professora não davam espaço para a exposição de ideias acerca do entendimento que as crianças tinham do feio e do bonito.

No que se refere às atitudes dialógicas, ocorreram em dois diálogos, na roda de conversa, um anunciando o Dia de alegria, e o outro um pequeno diálogo durante as interpretações da História O Patinho Feio, em que as crianças apresentam perguntas e respostas durante a conversa e tenta socializar seus saberes.

Com relação às atitudes monológicas, observei nas rodas de conversa como a “Pintando o sol” que a professora nega a criança o espaço de contestar a figura do sol que aos olhos de A5 poderia ser uma aranha, porém sua opinião não foi validada, o segundo momento refere-se ao diálogo entre as duas crianças A10 e A5 na roda de conversa da “A canoa virou”, tentaram explorar fenômenos que apareceram na dramatização, porém a professora não deu o devido valor, transformando essa prática em uma atitude monológica, na qual os diálogos não foram valorados pela professora, momentos que aparecem o faz de conta, a oralidade e a criatividade, aspectos que poderia favorecer o desenvolvimento da expressão oral das crianças do grupo 3.

Na maioria dos diálogos analisados aparecem indícios de uma prática monológica que consistiu em rodas de conversa que não valorizaram a fala das crianças. Pois, entendo que as rodas de conversa deveriam apresentar diálogos em que as crianças expressassem sua oralidade, pelo menos que fossem motivadas através das atitudes dialógicas da professora.

Nesse sentido, os achados revelam que os diálogos apresentaram enunciados breves sem espaço para o ouvinte emitir opiniões ou mesmo questionamentos a respeito do que se conversavam. Nas rodas de conversa, momento que deveriam aparecer novidades do dia-a-dia, do dia anterior ou do fim de semana, a conversa com o papai/mamãe/outro familiar, enfim, exposições orais em que as crianças estariam expressando sua linguagem oral. Observei enunciações de atividades que não evoluíram para um discurso em que o outro teve oportunidade de expor sua opinião como na atividade da pintura do sol, as vozes foram inibidas tornando-as sem efeito para desenvolver um diálogo.

Já a conversa, revelou que ocorria sempre com duas pessoas (a professora e uma criança) quase não envolvia o grupo, deixando de ser uma ação social em que todas as crianças deveriam ser motivadas a participar desse espaço democrático. Percebi em algumas conversas a falta de alteridade debatida nos estudos de Bakhtin (1997), logo que o sujeito se constitui na interação com o outro ele também se altera, constantemente. Portanto, a conversa só contribui para o desenvolvimento da expressão oral na roda de conversa, quando a criança se apropria de palavras e signos dando sentido ao que está sendo discutido, como na conversa do reconto do Patinho feio que a criança identificou a causa do choro do patinho, consolidando um diálogo com palavras e réplicas.

Enquanto as práticas monológicas, foram reveladas em muitos momentos das rodas de conversa. Senti falta de atitudes que possibilitassem uma maior interação no grupo 3, nas quais as palavras e as réplicas fossem valoradas com enunciados significativos e contextualizados. Tomo como referência novamente a pintura do sol (figura 01), a figura pode ser confundida a outro elemento da natureza como a “aranha”, citada por uma das crianças, que não teve nenhuma correlação entre os signos ilustrados na conversa.

Sobre as práticas dialógicas, percebi que as crianças, em alguns momentos, se apropriaram do poder da voz e construíram seu discurso, mesmo que apoiado na professora. Portanto, essa atitude revelou sujeitos, que podem carregar consigo as orientações ideológicas e se constituírem através do outro, dialogicamente, em uma interatividade complexa e dinâmica (BAKHTIM, 1997).

A criança vai construir conhecimentos a partir de interações com outras pessoas e com o meio em que vive por isso o ambiente e as relações estabelecidas são fundamentais para o desenvolvimento da linguagem oral (MORGADO, 2008). Nesse sentido, entendo que o ambiente da creche deve proporcionar momentos de interação contínua com práticas que objetivem o desenvolvimento da linguagem em todas as atividades que são aplicadas no cotidiano do Grupo 3.

Acredito que esta pesquisa poderá oferecer uma base para reflexão dos profissionais que atuam em creches, para que possam relacionar suas atitudes com as apresentadas nesse estudo a fim de sensibilizá-los a valorizar a fala das crianças do Grupo 3, oportunizando momentos de aprendizagem através de práticas dialógicas, ao compreender que os dizeres das crianças mostram os sentidos que

elas atribuem para atividades que exigem sua participação, apontando para necessidade de compreendê-las como sujeitos que podem produzir elementos da cultura infantil (ALMEIDA, 2014).

Com esses resultados, percebo que há uma necessidade dos coordenadores acompanharem mais de perto o fazer pedagógico no que diz respeito ao desenvolvimento da linguagem oral das crianças na creche, para que a expressão oral seja mais valorizada do que as atividades orais, e que toda forma de dizeres das crianças permita ampliar as possibilidades de diálogos sempre com a ideia de que é a conversa que deve rodar.

E nesse ritmo outras conversas quiseram rodar no trânsito da pesquisa desenvolvida, como as relações afetivas no processo de educar e cuidar nas creches. Percebi uma distância entre os sujeitos que cuidavam e os que estavam sendo cuidados e, ainda sentir falta de atividades corporais que desenvolvam os conhecimentos espaciais nas crianças desse grupo. Quem sabe serão temas de outros círculos científicos, outras pesquisas, outros estudos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Risonete Lima de. **Cenas simbólicas e enunciação oral: ressonâncias de sentidos na Educação Infantil.** Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia/Faculdade de Educação. Salvador: 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/17783/3/Tese%20de%20Doutorado%20-%20Risonete%20Almeida.pdf>. Acesso 22/06/2015.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** — Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação.** Trad. Maria José do Amaral Ferreira. Ed. rev. e ampl. - São Paulo, Cortez: 2013.

CORSARO, William A.. **Sociologia da Infância;** Trad. Lia Gabriele Regius Reis; Rev. Maria Leticia B. P. Nascimento. Porto Alegre: Artemed, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia,** 1996.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa critica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação.** 2 ed. Salvador, EDUFBA: 2004.

MORGADO, Maria de Lourdes dos Santos. Educação Infantil: o desenvolvimento da linguagem oral em crianças de 1 a 3 anos e o trabalho do professor. Monografia apresentada ao Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UNISALESIANO, Lins-SP, para graduação em Pedagogia, 2013. In CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa.** São Paulo, 2008.

MOTTA, Flávia. **Salada de crianças: a roda de conversa como prática dialógica.** IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 26 a 29 de outubro de 2009 PUCRR. Disponível em: [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2115\\_1035.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2115_1035.pdf) Acesso em 23/01/2016.

ORLANDI, Eni Puccinehi. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** 6.ed. Pontes: Campinas, SP, 2011.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 6.ed. Pontes: Campinas, SP, 2005.

SILVA, Marinês Jesus da e Amanda VALIENGO. **O desenvolvimento da oralidade na educação infantil.** Artigo apresentado Faculdade Unida de Suzano – UNISUZ, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.unisuz.edu.br/interfaces/downloads/edicao-2/artigo-9.pdf> Acesso em 23/05/2015.

## **LISTA DE ANEXOS**

**ANEXO A** – Carta de Apresentação

**ANEXO B** – Carta de anuência da Diretora da Escola

**ANEXO C** – Termo de Assentimento da professora

**ANEXO D** – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

**ANEXO A – Carta de Apresentação**

ESTADO DA BAHIA  
**PREFEITURA MUNICIPAL DE CANDEIAS**  
REGIÃO METROPOLITANA  
**SECRETARIA D E EDUCAÇÃO**

Candeias, 14 de setembro de 2015.

Of. Circular Gab. nº 0004/2016 – SEDUC

A(o) Gestor(a)

Da Unidade Escolar Centro de Educação Infantil Inês Gomes dos Santos Ramos

NESTA

Prezado Senhor (a),

Cumprimentando-o (a) inicialmente, a Secretaria da Educação, autoriza a(o) Sr(a) Lucineide Passos de Souza, cursista do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil MEC/SED/UFBA, *latu sensu*, a desenvolver a pesquisa de campo nesta Instituição de Ensino, para fins de produção monográfica.

Na oportunidade, elevamos votos de estima consideração.

Atenciosamente,

Rosa Maria da Silveira Vaz

Secretária de Educação

**ANEXO B** – Carta de anuência da Diretora da Escola

Eu, Clara da Conceição Vieira, Diretora do Centro de Educação Infantil Inês Gomes dos Santos Ramos, autorizo que a pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal da Bahia, Lucineide Passos de Souza, realize observações periféricas com a professora e auxiliar da classe e as crianças do Grupo 3 - Classe J, com o objetivo de compreender as práticas de linguagem nas rodas de conversa do grupo 3. As ações fazem parte da pesquisa Práticas monológicas e dialógicas na creche: É a conversa que deve rodar sob orientação da Prof. Dr. Risonete Lima de Almeida.

Salvador, 17 de Agosto de 2015.

---

Diretora

## **ANEXO C – Termo de Assentimento da professora**

Você está sendo convidada a participar da pesquisa que tem como tema Práticas monológicas e dialógicas na creche: É a conversa que deve rodar. O estudo tem como objetivo compreender as práticas de linguagem nas rodas de conversa do grupo 3.

Trata-se de um Projeto de Pesquisa construído por Lucineide Passos de Souza, como requisito do Curso de Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob a orientação da Prof. Dr. Risonete Lima de Almeida.

Para participar deste estudo, você deverá assinar este termo de assentimento. Você poderá recusar sua participação em qualquer momento do estudo, sem nenhum tipo de prejuízo. Caso você aceite, esteja ciente de que todos os dados construídos serão mantidos em sigilo.

Para registros das informações serão utilizados dispositivos para gravação em áudio, vídeo e imagens. A produção de dados só será efetuada mediante autorização com a devida assinatura do participante. Ao término da gravação poderá ser retirada ou acrescentada qualquer tipo de informação. O objeto utilizado durante a gravação será arquivado por 5 (cinco) anos e posteriormente descartado, assim os dados registrados só serão utilizados para esta pesquisa e depois serão inutilizados.

Ao fazer parte do estudo, fica evidente que a participante e a pesquisadora não receberá nenhum tipo de vantagem ou gratificação material e financeira. Os aspectos anteriormente mencionados respeitam a Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que trata dos aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos.

As informações sobre esse estudo poderão ser adquiridas mediante contato com: Lucineide Passos de Souza – pesquisadora observadora periférica, Tel.: 993837632, 988681294. Email: passos\_ola@hotmail.com.

Após, elucidadas as informações, requeremos a sua permissão para participação desta pesquisa.

**TERMO DE ASSENTIMENTO** – Salvador- BA, 20 de Agosto de 2015.

Comprovo ter assimilado todas as informações descritas anteriormente e, de forma livre e esclarecida, evidencio meu assentimento em participar desta pesquisa. Sendo assim, assino esse documento em duas vias, em que uma ficará em minha posse e a outra com a pesquisadora.

---

Assinatura da participante

**ANEXO D – Termo de Consentimento Livre Esclarecido****UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA****FACULDADE DE EDUCAÇÃO****PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Av. Reitor Miguel Calmon, s/n – Campus Canela – Vale do Canela

CEP 40.110-100 - Salvador – BA Tel./Fax: (71) 3283-7305/ e-mail:  
diretoria@faced.ufba.br**I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA**

1. Nome do responsável do participante: \_\_\_\_\_

Documento de Identidade Nº \_\_\_\_\_ Sexo: ( ) M ( ) F

Data de Nascimento \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Apto: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_

2. Nome do participante: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) M ( ) F

Data de Nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

## II – DADOS SOBRE A PESQUISA

**1. Título da Pesquisa:** Práticas monológicas e dialógicas na creche: É a conversa que deve rodar.

**2. Pesquisadora:** Lucineide Passos de Souza, Tel.: 993837632/ 988681294. Email: passos\_ola@hotmail.com.

**3. Duração da Pesquisa na escola:** 30/09 a 06/11/2015.

**4. Objetivos:** Compreender as práticas de linguagem nas rodas de conversa do grupo 3; Caracterizar e analisar as práticas pedagógicas relativas ao desenvolvimento da linguagem oral na creche e identificar atitudes monológicas e dialógicas nas rodas de conversa.

### **5. Procedimentos que serão adotados durante a pesquisa:**

A obtenção dos dados serão feitas diretamente com a professora, auxiliando as crianças acontecerá através de registros de gravações em áudio e vídeo, tendo a roda de conversa como dispositivo mediador, considerando os diálogos durante as práticas desenvolvidas pela professora do Grupo 3, sempre visando alcançar os objetivos propostos para contribuir na construção de conhecimento científico inerente ao tema. Visando ao cumprimento da ética estabelecida para a pesquisa qualitativa, o participante tomará ciência dos princípios abaixo discriminados e que regerão sua participação. Vale salientar que neste projeto de pesquisa não serão exibidas imagens que não tenham sido autorizadas.

**6. Desconfortos e riscos:** A pesquisa de natureza qualitativa será realizada com treze crianças do Grupo 3 em uma instituição de Educação Infantil. Esta pesquisa não cria qualquer risco potencial para a criança participante. Os participantes estarão contribuindo para aumentar nossa compreensão sobre a importância de escutar a criança e de conhecer os sentidos que a criança revela através de sua expressão pela fala. A participação é voluntária, ou seja, a criança ou responsável pode recusar-se a participar. Negar-se a participar ou interromper sua participação não trará nenhuma consequência negativa para os participantes, portanto, se houver

desistência e/ou não desejo de participar da pesquisa, isso será levado em consideração e devidamente respeitado.

7. **Benefício esperado:** Não haverá benefícios diretos e/ou indiretos para nenhum participante. As informações prestadas pelas crianças podem fundamentar estudos e artigos na Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA) ou em outras instituições acadêmicas e científicas, assegurando-se que em qualquer circunstância sua identidade será mantida em absoluto sigilo.

8. **Exposição dos resultados e preservação da privacidade dos voluntários:** Os resultados obtidos neste estudo serão divulgados na tese de Doutorado da observadora, como também serão transformados em artigo científico e submetidos a periódico especializado, independentemente dos resultados encontrados. Para tanto, a identificação do cenário de pesquisa e dos participantes/voluntários não será revelada em nenhuma hipótese, respeitando assim a privacidade dos mesmos conforme as normas éticas, e os acordos estabelecidos com a escola.

9. **Despesas decorrentes da participação no projeto de pesquisa:** A participação nesta pesquisa será de caráter voluntário, e os mesmos estarão isentos de qualquer despesa ou ressarcimento.

Declaro que, após ter sido convenientemente esclarecido sobre os objetivos desta pesquisa e procedimentos a serem adotados, permito a participação da criança sob minha responsabilidade na presente pesquisa.

Salvador, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

\_\_\_\_\_

Assinatura do responsável do participante

\_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador

(A carimbo ou nome legível)